

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Danças da Atenção na Sintonização Afetiva: Da Relação Mãe-bebê às Práticas de Educação Somática

Dances of Attention in the Affective Tuning: From the Mother-baby Relationship to Somatic Education Practices

Danzas de Atención en la Sintonía Afectiva: De la Relación Madre-bebé a las Prácticas de Educación Somática

Manuela Linck de Romero¹ & Virginia Kastrup²

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: manuela.linck@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5814-3301>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: virginia.kastrup@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9101-3282>

*Informações do Artigo:**Manuela Linck de Romero*manuela.linck@gmail.com

Recebido em: 17/04/2024

Aceito em: 20/05/2025

RESUMO

O objetivo deste estudo é discutir a atenção na sintonização afetiva. Toma como referência o conceito de atenção conjunta conforme proposto por Yves Citton e o de sintonia afetiva, de Daniel Stern, envolvidos na relação mãe-bebê. Discute a comunicação entre os corpos através do diálogo-tônico enquanto uma dança de sintonização acontecendo a nível micro-local, que não depende da consciência reflexiva. Afirmando uma ética do cuidado, recorre ao conceito de afetos de vitalidade de Stern e o de mutualidade de Donald Winnicott para discutir as falhas na sintonização. Sugere que práticas de educação somática promovem uma atenção-escuta de si que contempla a dimensão tônico-afetiva da experiência podendo operar, assim, como uma micropolítica atencional de cuidado relacional.

PALAVRAS-CHAVE:

Atenção conjunta; Atenção a si; Práticas somáticas; Sintonização afetiva; Ecologia da atenção.

ABSTRACT

The aim of this study is to discuss attention in affective attunement. It takes as a reference Yves Citton's concept of joint attention and Daniel Stern's concept of affective tuning, as involved in the mother-baby relationship. It discusses communication between bodies through the tonic dialogue as a dance of attunement taking place at a micro-local level, which does not depend on reflexive consciousness. Affirming an ethic of care, it draws on Stern's concept of vitality affects and Donald Winnicott's concept of mutuality to discuss failures in attunement. It suggests that somatic education practices promote an inward listening-attention that encompasses the tonic-affective dimension of experience and can thus operate as an attentional micropolitics of relational care.

KEYWORDS:

Joint attention; Inward attention; Somatic practices; Affective tuning; Ecology of attention.

RESUMEN

El objetivo de este estudio es analizar la atención en la sintonización afectiva. Toma como referencia el concepto de atención conjunta propuesto por Yves Citton y el de sintonía afectiva de Daniel Stern, implicados en la relación madre-bebé. Discute la comunicación entre los cuerpos a través del diálogo tónico como una danza de sintonización que tiene lugar en un nivel microlocal y que no depende de la conciencia reflexiva. Afirmando una ética del cuidado, utiliza el concepto de afectos de vitalidad de Stern y el concepto de mutualidad de Donald Winnicott para discutir los fallos en la sintonización. Sugiere que las prácticas de educación somática promueven una atención-escucha de sí que contempla la dimensión tónico-afectiva de la experiencia y puede así operar como una micropolítica atencional del cuidado relacional.

PALABRAS CLAVE:

Atención conjunta; Atención de sí, Prácticas somáticas; Sintonía afectiva; Ecología de la atención.

No livro *Pour une Écologie de L'Attention*, Yves Citton (2014) apresenta uma concepção original da atenção conjunta, analisando sua importância e desdobramentos na idade adulta. O conceito foi apresentado pela primeira vez em 1975 por Michael Scaife e Jerome Bruner no contexto da psicologia do desenvolvimento para se referir ao fenômeno que tem início entre os sete e nove meses de vida, quando bebês humanos passam a ter a habilidade de coordenar a atenção com a atenção da mãe (ou outra pessoa) e, assim, começam a partilhar um

objeto ou evento de atenção com ela (Moore & Dunham, 1995). Com essa nova habilidade de atenção, o bebê expande suas possibilidades de comunicação.

Com o desenvolvimento da atenção conjunta, ele passa a ser capaz de coordenar a atenção às coisas e a atenção aos outros, integrando a percepção e a manipulação de objetos a contextos sociais. Isso é apreendido a partir de uma série de gestos que ele começa a fazer: a alternância do gesto de olhar direcionado aos objetos e aos outros, acompanhada ou não por vocalizações; o gesto de apontar, alternando também o olhar para o outro; o gesto de dar o objeto; de seguir o olhar do outro; e uma série de gestos de imitação dos atos instrumentais (Aquino & Salomão, 2009). Na atenção conjunta, o bebê não se interessa somente pelo objeto que é alvo de interesse da outra pessoa. Com a emergência de um objeto ou evento em comum, para o qual as atenções do bebê e de um outro convergem, emerge também, concomitantemente, o que vem sendo denominado em muitas pesquisas “consciência mútua” (“*awareness* mútua”). O bebê também se interessa pelo interesse da outra pessoa por ele quando percebe que ele está com a atenção voltada para a mesma coisa que ela (Gratier et al., 2018). Segundo Depraz (2010), tais aspectos apontam para a mutualidade ou reciprocidade primordial das atenções, revelando uma certa *awareness* mútua implicada na dinâmica da atenção conjunta.

Citton (2014) ressalta do conceito de atenção conjunta a sua dimensão fundamental de cuidado, a qual aponta para a qualidade da copresença das pessoas em interação, necessária para a possibilidade de ajustamento recíproco, conjunto e contínuo de suas atenções. Ele destaca, então, três de seus princípios ou características: princípio de reciprocidade; esforço de sintonização afetiva e improvisação. São três princípios que configuram as dinâmicas atencionais a serem sempre pensadas operando dentro de um ecossistema de atenções, que é ao mesmo tempo criado pelas atenções de cada um da interação e produtor de efeitos nelas.

Com esse conceito, Citton nos convida a nos pensar como estando constantemente imersos em redes estreitamente entrecruzadas de atenções, envolvendo humanos e não humanos.

Uma sala de aula, uma simples conversa e práticas artísticas são apresentadas como ecossistemas atencionais específicos nos quais a dinâmica, a orientação e a qualidade da atenção de cada um influenciam as atenções das outras. Por exemplo, em uma conversa há movimentos de checagem cuidadosa das respostas expressivas no rosto de cada pessoa interagindo: uma sensibilidade à variação do estado afetivo de cada um. Isso ocorre a despeito da consciência, de maneira intuitiva na imediatez da copresença.

Nessa condição de copresença, Citton (2014) destaca a qualidade de reciprocidade para se referir à circulação da atenção em vias de mão-dupla. Numa conversa, os indivíduos podem alternar entre o falar e o escutar por exemplo. A reciprocidade se refere a esse caráter dinâmico do ritmo da interação, sempre passível de variação. Outra característica da atenção conjunta é o esforço de sintonização afetiva a ser sustentado quando queremos cuidar da qualidade da interação. Ainda no contexto de uma conversa, na alternância entre a fala e a escuta, há um ajustamento contínuo acontecendo no plano dos afetos: uma pessoa, enquanto fala, pode vir a alterar o tom da voz em função das reações suscitadas em seu interlocutor.

Na maior parte das vezes, essas micropráticas de sintonização afetiva acontecem de maneira involuntária. No entanto, podem ser também fruto de escolha: podem estar implicados “micro-gestos de encorajamento, de simpatia, de prevenção, de precaução e de reconforto, ou seja, as múltiplas ‘atenções’ que cada um dos participantes endereça ao outro” (Citton, 2014, pp. 129-130, tradução nossa). Se houver aumento de tensão, por exemplo, um olhar de cumplicidade, um sorriso ou gesto de pacificação podem evitar um conflito. Logo, para além da comunicação verbal e sempre coexistindo com ela, há uma semiótica não-verbal passível de ser notada por cada um. É sobre esse ajustamento recíproco, mútuo, que Citton fala quando aborda o esforço de sintonização afetiva.

A qualidade das interações nunca está dada ou garantida; sua natureza é sempre dinâmica e processual. Ela é continuamente produzida e essa produção tem um caráter de improvisação. Uma vez que não podemos prever como uma interação vai se desenrolar, não há um roteiro ou modelo pré-estabelecido. Para Citton (2014), é justamente o caráter de improviso que dá o charme e a vitalidade das estruturas dialógicas vivas nas quais se desenvolve a atenção conjunta. Essa é sua terceira característica, apresentada enquanto um aprendizado necessário: “para ser atencioso à atenção do outro é preciso aprender a sair das rotinas programadas com antecedência, para se abrir aos riscos e às técnicas da improvisação” (Citton, 2014, p. 131, tradução nossa).

Na atenção conjunta, importa destacar a dinâmica da comunicação não-verbal. Sublinhamos com Citton (2014) que comunicação não diz respeito apenas à troca de informações por meio de palavras e tampouco se esgota na expressividade dos corpos. Ela comporta também a possibilidade de uma experiência de “comunhão e de cuidado da comunidade” (Citton, 2014, p. 132, tradução nossa). Assim, a atenção é abordada em sua dimensão fundamental de cuidado, pela conexão entre as pessoas e pelo tecido dos laços sociais.

Com Citton (2014), colocamos, então, a atenção conjunta no centro da discussão sobre a dimensão ética e política do cuidado. Ressoando com Caliman et al. (2020) perguntamos: como cuidar da qualidade dos ecossistemas atencionais que criamos juntos? Como criar ecossistemas atencionais favoráveis ao cuidado do que se produz em nós e entre nós?

O objetivo deste estudo é discutir a atenção em seus movimentos de sintonização afetiva. Para isso, tomará como referência o conceito de atenção conjunta de Yves Citton e de sintonia afetiva de Daniel Stern, proposto no contexto dos estudos da relação mãe-bebê. Discutirá o problema da atenção na comunicação entre corpos, descrita como uma dança de sintonização afetiva microlocal, que acontece independentemente da consciência reflexiva.

Afirmando uma ética do cuidado, vai lançar mão dos conceitos de afetos de vitalidade de Stern e de mutualidade de Donald Winnicott. Analisando as modulações da atenção, vamos verificar que os processos de sintonização afetiva não estão garantidos e vamos apontar o potencial das práticas de educação somática enquanto práticas de cuidado relacional.

As Primeiras Danças: Experiência de Mutualidade e a Sintonização pelos Afetos

O fenômeno de atenção conjunta se desenvolve no seio das interações na primeira infância e nos remete às nossas primeiras experiências de cuidado, que são fundamentais para a sobrevivência e para a capacidade de nos relacionarmos. Nessa direção, vale evocar o trabalho de Daniel Stern, psiquiatra e psicanalista que se dedicou a pesquisar essas primeiras experiências. Stern iniciou sua pesquisa voltada para a observação de mães e bebês no final dos anos 1960, em ambiente natural, fora dos laboratórios experimentais. Havia em seus estudos uma qualidade de observação microanalítica que só foi possível graças ao recente acesso naquela época à tecnologia de produção de registro audiovisual. Essa qualidade de observação é característica de um ecossistema atencional de pesquisa bastante singular. Conforme seu relato, ela trouxe a oportunidade de ver um novo mundo, de características surpreendentes, com um detalhamento fino do que acontecia a cada instante da interação (Stern, 2002).

Por meio das microanálises das filmagens das interações, ele percebeu que ações muito importantes entre as mães e os bebês ocorriam em frações de segundos. Como psiquiatra, até então, Stern buscava identificar o que eram chamadas as “unidades” comportamentais, clínicas, tais como a de “intrusividade”, a de “sensibilidade”, a de “rejeição”. No entanto, essas unidades eram muito grandes, globais, vagas para o que ele e seus colegas estavam pesquisando com os bebês (Stern, 2002).

Eles cunharam, então, novas unidades comportamentais a partir das observações nessa escala microlocal. Ele conta que isso os permitiu observar o comportamento a partir do ponto

de vista do bebê. Nesse sentido, ele diz que, no nível microlocal, um comportamento de “intrusividade” passou a ser reconhecido, por exemplo, por meio de unidades comportamentais como: aversão ao olhar, viradas de cabeça, velocidade de aproximação física, duração das expressões faciais, pequenas mudanças na excitação, entre outras (Stern, 1997).

Foram, então, necessárias técnicas para a análise de tais observações. Segundo ele, tratava-se de uma “leitura etológica” (Stern, 1997), na qual ele conservava seu olhar de pesquisador e também de clínico, orientando sua observação com perguntas como:

Qual é a distância física entre os parceiros? Há uma aproximação ou um recuo, e com que velocidade [acontecem]? Qual é a orientação ou mudança na orientação, da bacia e dos ombros? A orientação é claramente dirigida para o outro (“com os ombros alinhados”)? Há um movimento favorável ou contrário a essa clara orientação? Qual é a orientação da cabeça — quer dizer, é a posição direta, de frente? A mudança é um movimento de afastamento para o lado? Com a cabeça voltada pra baixo ou para cima? Os olhos estão olhando para onde? Notamos uma troca de olhares? Essa troca de olhares é evitada pelos olhos, pela cabeça, ou pelos dois? (Stern, 1997, p. 89, tradução nossa).

Stern (2002) conta que, para sua surpresa, as pessoas mais interessadas em observações do comportamento guiadas por esse tipo de pergunta, antes mesmo dos psicólogos, eram coreógrafos e bailarinos. Estes artistas ficaram fascinados com técnicas de observação, como o *stop frame*, para ver a ação ao contrário, acelerar e desacelerar. Elas eram muito próximas das técnicas coreográficas que vinham sendo exploradas.

Os bailarinos e coreógrafos foram, então, em certo sentido, seus primeiros colaboradores. Eles foram uma vez por mês para Columbia assistir com ele a “dança interativa das mães e bebês” (Stern, 2002, p. 107, tradução nossa) e Stern também os via usando essas mesmas técnicas em seus *Work in Progress*. Stern (1990) veio, então, a apreender a interação entre mães e bebês como sendo a “dança básica que todos dançamos com outras pessoas

durante toda a nossa vida” (p. 17). Assim como na experiência de bailarinos, ela também é composta em função de contornos temporais da expressividade de ambos comunicando-se em um diálogo não-verbal, ocorrendo em alternância e improvisação.

Aprendida nos primeiros seis meses de vida, essa dança vai marcar o bebê em um sentido amplo, vindo a impactar suas relações ao longo da vida. Nas palavras de Stern (2000):

Neste breve período que chamarei de primeira fase de aprendizagem das coisas humanas, o bebê terá aprendido a convidar a mãe para brincar e iniciar uma interação com ela; ele terá se tornado especialista em manter e modular o fluxo de uma troca social; terá adquirido os sinais para terminar ou evitar um encontro interpessoal, ou apenas colocá-lo temporariamente em um “padrão de espera”. Em geral, ele terá dominado a maioria dos sinais e convenções básicas para realizar “movimentos” e escapar das sequências padronizadas de sua mãe, resultando nas danças que reconhecemos como interações sociais (Stern, 2000, pp. 16-17, tradução nossa).

A partir das observações microanalíticas, Stern (1989) reconheceu um fenômeno entre mães e bebês que denominou de *affective tuning* ou *affect attunement*, traduzido em português como sintonia afetiva. Ele percebeu que a dinâmica de sintonização afetiva pode ser observada enquanto uma comunicação não-verbal manifestando-se simultaneamente em ambos os corpos em interação e, assim, sinalizando variações na experiência de estar com um outro. Nessa leitura de Stern, mãe e bebê são parceiros da dança da interação. Ela está acontecendo o tempo todo entre eles e quaisquer seres humanos em qualquer idade ao longo da vida. Diante dessa constatação, nos interessa, com Stern, discutir a expressividade humana em uma perspectiva relacional, reconhecendo a comunicação que ocorre entre corpos.

Para abordar essa qualidade de comunicação, Stern (1989) cunhou o conceito de afetos de vitalidade. Diferente dos afetos categóricos, como raiva, alegria, tristeza, medo, repulsa etc., os afetos de vitalidade remetem ao aspecto dinâmico da afetividade — isto é, ao modo como é

sentido e percebido pelos parceiros da dança. Eles se referem às propriedades temporais e amodais (duração, pulsação e ritmo) manifestadas nos corpos. Para Stern, os afetos de vitalidade podem ser melhor descritos por termos como “surgindo”, “passando rapidamente”, e “explosivos”, remetendo ao caráter processual e dinâmico da experiência afetiva.

Recorrendo também ao pensamento do pediatra e psicanalista Donald Winnicott (1990, 1994, 1998, 2000, 2006) para pensarmos essas primeiras danças, importa sublinhar que elas ocorrem numa fase de dependência absoluta, em que as necessidades fisiológicas e afetivas do bebê estão em jogo. Entendemos aqui que estas danças são, a um só tempo, de tecimento do vínculo e de regulação mútua, na qual a mãe ou quem cuida do bebê terá ou não condições de fazer o que ele denomina de *holding*, configurando a experiência de mutualidade. Trata-se de uma percepção atenta para além das necessidades de alimentação e higiene do bebê, uma atenção sensível à expressividade corporal, notando o que ele comunica em nível sutil.

A experiência da mutualidade é uma troca afetiva fundamental para o desenvolvimento emocional do bebê, mas nem sempre ela acontece. Nas palavras de Toledo (2009):

Um bebê pode ser carregado e alimentado pela mãe, sentir gratificação em termos de satisfações pulsionais, mas não viver esse tipo de comunicação ou reciprocidade em relação a sua mãe. A comunicação depende de uma situação de alimentação mútua, na qual o bebê também “dá de comer” e possui a ideia de que a mãe sabe ser alimentada (Toledo, 2009, p. 196).

A mãe e o bebê têm uma relação recíproca e complementar. Podemos entender que um não existe sem o outro (Winnicott, 1988/2006). A comunicação é uma experiência vivida pela dupla, que ocorre de forma não verbal em um encontro rítmico silencioso. Winnicott (1958/2000) afirma que esse é o início de uma comunicação entre duas pessoas. O principal seria o ritmo cocriado como em um dueto, envolvendo os cuidados necessários ao bebê, o *holding* e a mutualidade.

Quando a mãe segura o bebê, há não somente uma sustentação corporal, mas principalmente psíquica. Na qualidade do ato de segurá-lo, ela comunica que é confiável por saber o que ele precisa, por se preocupar com ele de forma amorosa. A experiência de mutualidade ocorre pelo movimento da respiração materna, pelo calor de seu hálito, seu cheiro e pelas batidas de seu coração — som conhecido pelo bebê desde o ventre (Winnicott, 1988/2006). Importa esclarecer que essa experiência não se relaciona diretamente com a tensão instintual ou com as pulsões, o principal é uma comunicação em “termos da anatomia e da fisiologia de corpos vivos” (Winnicott, 1969/1994, p. 200). Quando descreve os fenômenos mais físicos envolvidos na comunicação silenciosa, Winnicott (1988/2006) menciona que se trata de uma “questão de reciprocidade na experiência física” (p. 89).

Com Stern, podemos entender que, nessa comunicação em termos físicos, está implicada também a qualidade da dinâmica de correção, ou de regulação da excitação mútua entre mãe e bebê. Stern afirma que não há curva perfeita. Falhas de estimulação, por excesso ou por falta, vão se inscrever na dinâmica, podendo vir a constituir padrões interativos. Sobre essa discussão, no livro *The First Relationship* (Stern, 2002), ele qualifica as danças enquanto “boas” e “más” em função da modulação da intensidade, do ritmo e da forma da expressividade de cada parceiro da dança. Nem sempre acontece atenção mútua e sintonização da qualidade afetiva. Pode haver repetidas vezes um *désaccordage* temporal e afetivo. É a relação de contingência entre os gestos da mãe e do bebê, em seu caráter comunicativo e afetivo, que sinaliza se está acontecendo uma atenção mútua ou não (Gratier et al., 2018).

No entanto, quando ocorrem “falhas na dança”, elas podem ser seguidas de cuidados de reparação, marcando assim a qualidade de um vínculo seguro, não-invasivo. É justamente no vai-e-vem de pequenas falhas e reparações que o bebê pode experimentar sensações que lhe conferem segurança, constância e confiabilidade fundamentais ao seu desenvolvimento. Essas são falhas graduais que dizem respeito a uma ausência necessária da mãe. Além disso, elas

fazem parte do processo de maternagem, não levando a comprometer o desenvolvimento psíquico, motor e afetivo do bebê. Trata-se de um processo fundamental no vínculo, segundo o qual o bebê vai desenvolver, gradualmente, o que Winnicott (1958/1998) denomina “capacidade de estar só” — sendo, então, possível experimentar “estar só” na presença do outro.

Atenção à Música do Estar Vivo: Falhas e Possíveis Reparações

Desenvolvendo seu trabalho com pesquisadores coreógrafos, bailarinos e outros artistas, Stern (1995) foi reconhecendo que o bebê e os seus próximos se entendem no tempo e graças ao tempo: “nossa experiência subjetiva tem mais em comum com a música do que com um código digital” (p. 14). Isso leva Stern a afirmar a importância central do tempo na interação e discutir seus efeitos na experiência afetiva.

Como exemplo, temos o chamado “mamanhês”, quando a mãe muda espontaneamente a prosódia da voz — o chamado “envelope musical” da fala — para se comunicar com o bebê: ela altera o ritmo, o volume, a intensidade e a entonação. Além da voz, que se torna mais ritmada, contrastada e lenta, seus gestos e expressões faciais também ficam em conformidade com as preferências perceptivas do bebê e são regulados no tempo a fim de manter a atenção e seu engajamento afetivo. Segundo Stern (1995):

A mãe é como o maestro da orquestra (às vezes o bebê que é o maestro). Ela coloca em jogo diferentes instrumentos para tocar: movimentos, *bercements*, falas etc. Ela regula o volume como precisa para manter o bebê em um bom nível de excitação e de atenção (Stern, 1995, p. 403, tradução nossa).

Stern recorre à metáfora da orquestra como mais uma maneira de abordar o tema da condução da dança de correção, que comparece na experiência de mutualidade e no fenômeno de sintonização afetiva, em que as atenções de mãe e bebê se influenciam mutuamente. Stern (1989) identificou que os gestos e os sons expressos por ambos são

sincronizados em função dos contornos de vitalidade — da intensidade, do ritmo e da forma — estabelecendo-se entre eles não enquanto uma imitação, mas sim seguindo padrões de alternância e revezamento, incluindo momentos de iniciação conjunta e de variação mútua improvisados. Trata-se, de fato, de uma imitação seletiva, na qual a mãe introduz constantemente modificações nas imitações.

Com o conceito de afetos de vitalidade, Stern (2000) refere-se aos aspectos dinâmicos da afetividade envolvidos também na tensão das posturas corporais, ou seja, no *feedback* proprioceptivo vindo dos músculos da mãe e do bebê. Os contornos de vitalidade se referem aos sinais corporais que estão sempre acontecendo, micros, por vezes ínfimos, sem que seja necessário prestarmos atenção neles. Nas palavras de Stern (2000), eles compreendem

Todas as coisas que o corpo faz ou deve fazer para permitir, apoiar, ampliar (etc.) a atividade mental contínua (de perceber, de pensar etc.), tais como posturas formadas ou sustentadas, movimentos (dos olhos, da cabeça ou do corpo), deslocamentos no espaço, contrações e relaxamentos do tônus muscular (Stern, 2000, p. 17, tradução nossa).

Stern (2000) afirma que “eles não precisam entrar na consciência, embora estejam ali no *background*. Eles são a música contínua do estar vivo” (p. 18, tradução nossa). São o que Damásio (1999) denomina de sensações de fundo³, apontando também para o que compreendemos como sendo o plano intensivo de forças e afetos no qual a dança de regulação mútua pela sintonização afetiva acontece.

A coreógrafa Odile Duboc (2012) também faz referência à música quando evoca “a consciência da passagem de um estado fisiológico a outro, de um corpo tônico e tenso para um corpo fluido, por exemplo” (p. 155). Essa seria a descoberta de uma “música interior”:

³ Também poderíamos nos referir a elas com o termo *felt-sense*, cunhado por Eugene Gendlin (1999), cuja tradução livre para o português encontramos “sensopercepção”, “sensação sentida” ou “percepção sentida”.

É de fato a descoberta da consciência de minhas sensações, de meus estados de corpo. Ela conduz progressivamente a uma consciência e a uma maestria das sensações por repercussão da respiração e da musicalidade subjacente (Duboc, 2012, p. 22, tradução nossa).

Reconhecemos aqui, como elementos básicos da constituição do psiquismo, os registros da qualidade do contato estabelecido nesse diálogo primordial entre corpos. Segundo Toledo, em termos winnicottianos, diríamos que a mãe suficientemente boa é aquela capaz de acolher o bebê em seus braços com um tônus que não o invade, nem o abandona no vazio, podendo viver um acordo tônico silencioso e profundo com ele. Essa comunicação corporal servirá de base para a elaboração progressiva de suas relações posteriores, uma vez que as experiências vividas pelo bebê ficam corporalmente registradas.

Importa enfatizar, como dizia Winnicott (1990), que “nestes estágios o cuidado físico é um cuidado psicológico” (p. 137). Para além das variações fisiológicas necessárias para o movimento e o repouso, o tônus também sofre variações relacionadas com as tensões emocionais, ele acompanha e exprime nossas tensões afetivas. Nossa organização tônica, no diálogo com a força da gravidade, faz com que nosso corpo seja diferente quando estamos ansiosos, encolerizados, felizes, satisfeitos ou deprimidos (Toledo, 2009). Nossa argumentação se apoia nessa direção, debruçando-nos sobre as relações que unem o tônus, o pano de fundo de todo ato motor, à trama na qual este se tece com a experiência intensiva dos afetos em seus contornos de vitalidade.

A Atenção a si e o Cuidado Relacional: As Práticas de Educação Somática

Em sua análise da atenção conjunta, Citton (2014) recorre ao domínio dos estudos do *care* e nos convida a pensar o que seriam micropolíticas atencionais. Dentre elas, ele destaca a de cuidado relacional.

Uma vez conscientes de que não somos tanto “indivíduos” autônomos, mas sim certa “relação” com certo ambiente (psicobiológico e social), então a qualidade de nossa existência depende do cuidado que tivermos com a qualidade das relações que tecem simultaneamente nosso ambiente e nosso ser (Citton, 2014, p. 165, tradução nossa).

Logo, está implicada aqui uma atenção que procura cuidar da relação. Citton (2014) sugere que as micropráticas de sintonização afetiva apontam para a consideração relacional e o cuidado constante que estão no seio do fenômeno da atenção conjunta. Trata-se de uma qualidade de cuidado que, segundo Citton, é geralmente espontâneo:

Na maioria dos casos, meus movimentos de aprovação, sorrisos e outros franzir de sobrancelhas se fazem em mim — pela própria força da relação que me une ao meu interlocutor — sem que eu precise torná-los objeto de um esforço consciente e deliberado (Citton, 2014, p. 166).

Ou seja, a expressividade humana é reconhecida em seus micromovimentos espontâneos e involuntários como sendo indicativa da qualidade de cuidado que existe, desde sempre, no plano fundamentalmente relacional da espécie humana. Entendemos que se trata do plano de forças-afetos que nos atravessam e segundo o qual nos constituímos. Ora, nos parece, então, importante destacarmos e considerarmos aqui os efeitos da qualidade do ecossistema atencional em que dançamos nossas primeiras danças, nossas primeiras experiências de cuidado nessa dimensão expressiva, espontânea e involuntária em que esse cuidado fundamental se tece. Pois estamos lidando com a memória intensiva da qualidade desses ecossistemas. Ela segue em nós e afeta nosso potencial expressivo e nossas experiências de “estar junto”.

Diante da discussão trazida até aqui, perguntamos então: como reconhecer, enquanto adultos, quando sintonizamos uns com os outros e sob quais condições? Nos parece que isso implicaria, necessariamente, o cultivo de uma qualidade de atenção a si em observação

microanalítica. No entanto, quanto à observação microanalítica, convém esclarecer que nas interações há o nível visível dos comportamentos observáveis e o nível invisível da experiência afetiva em curso. Essa distinção é importante, pois ela dissocia as ideias de “invisível” e “imperceptível”. Os afetos de vitalidade são um exemplo claro, pois, mesmo sendo invisíveis, podem ser percebidos em nós mesmos e nos outros por meio da expressividade e do sentir, experimentados como “impressões mutáveis múltiplas que se alteram o tempo todo, assim como a música ou dança” (Stern, 1990, p. 90). Sugerimos então que seria uma atenção voltada para a música contínua do estar vivo, que entendemos como fazendo referência a uma dimensão tônico-afetiva da experiência, na qual o aspecto dinâmico, temporal e processual das afetações se manifesta por meio de sensações, os micromovimentos que podem ser sentidos.

Eles dizem respeito aos contornos de vitalidade e podem se manifestar em gestos cuja expressividade se manifesta em um nível micro. Nas palavras de Carijó e Kastrup (2014), eles nos remetem a “uma espécie de força, de energia vital que percebemos na ação das pessoas e em certas coisas ao nosso redor” (p. 244). A expressividade dos corpos em nível micro, além de micro em tamanho, é entendida aqui em seu sentido intensivo (Deleuze & Guattari, 1995). São movimentos micropolíticos que produzem subjetividade (Carijó & Kastrup, 2014). Para além de seu caráter observável, objetivo e descritivo, e também em seu caráter intensivo e indeterminado, eles apontam para a existência de conexões no plano de forças e afetos produtor de subjetividade.

Entendemos que tais aspectos da experiência são fundamentais para o ajustamento recíproco, como apontado por Citton (2014) quando ele aborda o esforço de sintonização afetiva. Logo, entendemos também que se trata de uma atenção a si voltada para o diálogo tônico, para as variações do tônus muscular no “diálogo tônico primordial” (Godard & Bigé, 2019, p. 96, tradução nossa) com a força da gravidade. Trata-se de um diálogo que tem, em

si, agenciado, desde o princípio, o diálogo com a qualidade afetiva do ambiente que nos acolheu ao nascer. Podemos apreendê-la, assim, como o diálogo primordial de forças afetivas.

Como vimos, o diálogo tônico é uma comunicação que envolve ajustamento contínuo entre tônus do bebê e tônus da mãe e é de grande importância. Nesse sentido, ele é, segundo Ajuriaguerra (2010), as “premissas do toque e da mutualidade” (p. 331, tradução nossa) estabelecidos nos contatos pele com pele. Ele enfatiza a “enorme importância das modificações tônicas e posturais recíprocas nas primeiras interações discutindo, com precisão, a passagem do diálogo tônico a um diálogo postural à distância” (Ajuriaguerra, 2010, p. 335, tradução nossa).

Nessa direção, estamos sugerindo que para cultivar a atenção sob uma ética de cuidado relacional é necessário voltar a atenção aberta para notar o que os corpos comunicam de maneira involuntária por meio de suas atividades reflexas. A responsividade do corpo pode ser notada por meio do *feedback* proprioceptivo, havendo contato por meio do toque, ou não, na condição do diálogo postural à distância. Como discutido por Resende (2013), há sempre um diálogo, uma conversa não-verbal acontecendo, “uma comunicação inconsciente dos corpos, que se desenrola no âmbito do contágio de movimentos imperceptíveis” (p. 164). Quais efeitos micropolíticos podemos produzir ao voltar a atenção para essa comunicação entre corpos?

Estamos, assim, voltando as atenções conjuntamente para o saber corporal apreendido pela via do afeto, um saber orgânico que aponta para um conhecimento relacional implícito (Stern, 2003) constituído ao longo do desenvolvimento psico-sensório-motor-afetivo. É primeiramente nesse nível implícito da chamada “intercorporeidade” que experimentamos as interações interpessoais. Ou seja, é nesse nível que há a “ressonância mútua de comportamentos sensório-motores” (Gallese, 2009, p. 523, tradução nossa).

Nessa direção, interessados no que nos acontece na imediatez da copresença, percebemos que o cultivo da atenção a si nas situações de atenção conjunta se faz pertinente uma vez que no plano da semiótica não-verbal passível de ser observada nem sempre se produz uma dinâmica de mutualidade ou reciprocidade. A atenção em circulação em duas vias — atenção mútua — não é dada nem garantida, também precisa ser cultivada. Ora, que efeitos uma atenção a si voltada para a dimensão tônico-afetiva da experiência, implicada no diálogo tônico, pode ter na modulação das trocas sociais?

Orientadas por essa pergunta, e com o intuito de pensar essa micropolítica atencional discutindo o cuidado relacional, recorreremos ao campo da educação somática, pois reconhecemos que as práticas desse campo favorecem a produção de ecossistemas atencionais nos quais os participantes são convidados a cultivar a atenção a si em observação da dimensão tônico-afetiva da experiência. Tendo surgido na Europa e na América do Norte entre os séculos XIX e XX, englobando diferentes métodos, a Educação Somática inseriu-se em diversas áreas de conhecimento. É um campo transdisciplinar, que dialoga com a arte, a educação, a saúde, as neurociências, a psicologia, entre outros campos. Formada por vários métodos somáticos, cada um com suas técnicas próprias, todos têm em comum a pesquisa do movimento como via de transformação mecânica, fisiológica, neurológica, cognitiva e/ou afetiva. Como exemplos, temos o Rolfin® — Integração Estrutural⁴, a Eutonia, a Técnica de Alexander, o Método *Feldenkrais*, o *Bartheneuf Fundamentals*, o *Body Mind Centering* de Bonnie Bainbridge Cohen, a Psicologia Formativa de Stanley Keleman, Movimento Autêntico, dentre outros. No Brasil, temos também a Técnica Klauss Vianna e a Metodologia Angel Vianna.

⁴ O Rolfin® é uma modalidade de educação somática criada por Ida Rolf (1896-1979). Consiste geralmente em uma série de dez sessões que envolvem toque superficial e profundo da estrutura física do corpo do indivíduo ajustando o equilíbrio e alinhamento com a gravidade via manipulação miofascial. Ela envolve exercícios físicos e perceptivos mobilizando e educando a atenção do cliente em prol de uma reeducação postural, do alinhamento com o campo gravitacional que demande o mínimo de esforço energético e muscular (Merlino, 2005).

Segundo Isabelle Ginot (2012), o termo “métodos somáticos” foi proposto pelo filósofo Thomas Hanna na década de 1970, para designar um conjunto de práticas corporais que têm em comum a “importância central dada à percepção, e, particularmente, à propriocepção e à experiência subjetiva” (pp. 87-88). Nesse trabalho com a percepção e com o movimento, a atenção a si é mobilizada. Ela é voltada para alvos somatossensoriais, tais como a respiração, o batimento do coração, a superfície da pele ou microajustes tônico-posturais, cuja prática regular resulta em certa qualidade de atenção. Por meio de práticas somáticas, é possível desenvolver a capacidade de rastrear, mapear e reconhecer nuances sutis da experiência sensorial se delineando na matéria corpo. Uma característica comum aos diversos métodos, que também é cara à discussão de nosso estudo sobre atenção e cuidado, diz respeito a uma “escuta” corporal sensível em seu aspecto relacional. Segundo Ginot (2012), é importante o cultivo de uma “escuta recíproca” no trabalho corporal. A questão da escuta é central a todas as práticas voltadas para a consciência do corpo. Importa aqui ressaltar que ela comporta uma dupla-face: a escuta de si é também, concomitantemente, escuta do outro.

Ruth Torralba Ribeiro (2016) também discute o trabalho que implica o sensorial do corpo e o descreve enquanto uma “atitude de escuta e atenção que permita sentir com o outro e sentir a si próprio na relação” (p. 68). Ou seja, trata-se de uma atenção a si bastante singular, que envolve uma atitude em que o sujeito pode descentrar-se de si e de seus hábitos para tornar disponível na experiência relacional um estado de corpo em presença cuidadosa.

O analista do movimento e rolfista Hubert Godard (2006) trabalha no acesso a essa dimensão fundamentalmente relacional que aponta para a indissociabilidade entre o eu e o outro. Ele trabalha diretamente com o fenômeno de ressonância, de contágio entre corpos, quando nos fala de uma “empatia torácica” por exemplo. Trata-se de um fenômeno que acontece quando duas pessoas se encontram e ocorre, por meio de micromovimentos de suas

caixas torácicas, uma espécie de diálogo, uma empatia respiratória. Segundo ele, isso acontece o tempo todo, como um efeito espelho sobre o ritmo respiratório entre as pessoas. A respiração de cada um pode inclusive entrar em uníssono, formando uma comunidade musical de respiração.

Conforme afirmam Resende et al. (2018), práticas somáticas implicam “uma política do sensível que alarga a dimensão micro-perceptiva [sic] e evidencia um campo vibrátil no qual os corpos se conectam, afetam e contagiam-se mutuamente” (p. 115). Reconhecemos que tais práticas mobilizam a sensibilidade tátil-cinestésica, periférica, aumentando a possibilidade de se notar signos táteis e tônico-afetivos. Ou seja, a disponibilidade do corpo para afetar e ser afetado é, assim, explorada e podemos testemunhar uma ampliação da *awareness* acerca de sua responsividade.

A consciência da responsividade do corpo pode inclusive ser cultivada na mutualidade das atenções em prol de um refinamento da *awareness* mútua. Um exemplo nós encontramos no contexto da dança Contato Improvisação, com a política de mutualidade (Paxton & Smith, 2016) orientada por uma ética de cuidado e responsabilidade compartilhada na condução da dança. Pratica-se, assim, uma atenção a si que percebe, concomitantemente, “dentro” e “fora”: micromovimentos expressivos acontecendo no próprio corpo e também nos do corpo do parceiro de dança (Romero, 2021).

Há a pequena dança; algo está sempre acontecendo aí, então você só precisa entrar na pequena dança. Então comecei dizendo: veja se você encontra um alinhamento com a pequena dança da outra pessoa; veja se consegue acompanhar a pequena dança da outra pessoa — que é um começo ... não é conduzir a pequena dança do outro até você ou qualquer outra ideia parecida. É acompanhar e estar em alinhamento com tudo aquilo dos dois acompanhando-se. Que os dois se acompanhando criam uma coisa que leva a outra (Paxton & Smith, 2016, p. 3, tradução nossa).

Entendemos que há o cultivo da consciência perceptiva mútua do nível sutil do diálogo tônico e que estamos assim pesquisando experiencialmente limites e possibilidades de nossa capacidade empática. Nas palavras de Caliman et al. (2020):

Essa reciprocidade, no entanto, não é o mesmo que simetria, mas implica o cultivo de uma correspondência, na qual se experimenta a empatia, aqui entendida como disposição corporal de abertura conjunta. A partilha se dá sobre um fundo de disponibilidade e abertura, no qual torna-se possível entrar em ressonância e em vibração com o vivido, se dispondo a acolhê-lo (Caliman et al., 2020, pp. 173-174).

Ora, podemos entender que tais práticas de atenção nos convidam a uma experiência concomitante de centramento e descentramento de si na relação com o outro, que nos permite experimentar nossa condição de interdependência fundamental. Trata-se de operações de descentramento necessárias ao fenômeno da empatia. Nas palavras de Roquet (2019):

Esse dentro-fora não é (sobretudo) um mergulho autístico em si mesmo. Pelo contrário, nos desdobramos de alguma maneira para experimentar as nuances de sua paleta sensorio-motora e/ou ter em domínio alguns de seus caminhos. Enfim, não podemos acessar o domínio de si sem estar à escuta do outro — e inversamente, estar à escuta do que nos rodeia nos permite estarmos à escuta de nós mesmos, nos explica a bailarina e analista do movimento Valentine Vuilleumier (Roquet, 2019, p. 194, tradução nossa).

Por fim, importa sublinhar que a experiência de atenção a si não é passiva. Quando o sujeito direciona a atenção para observar a si mesmo na experiência, trata-se de um agir sobre si mesmo. O sujeito atento afeta e testemunha a transformação da experiência em curso. A auto-observação é também autoprodução (Sade, 2009). Entendemos, então, que, na medida em que as práticas somáticas favorecem o cultivo de uma atenção-escuta de si, que implica o acesso à dimensão tônico-afetiva da experiência para reconhecer-se na atividade de relação, elas

concorrem para promover um estado de presença cuidadosa das relações que, como propomos, é uma micropolítica atencional.

Considerações Finais

Buscamos neste artigo discutir, à luz da ecologia da atenção, os processos de atenção conjunta colocando em destaque o nível microlocal no qual podemos observar, sentir e, assim, nos tornarmos conscientes do caráter dinâmico, contínuo e processual dos contornos de vitalidade em variação nas danças que são as interações interpessoais. Conforme apresentado por Daniel Stern, entendemos essa escala de análise microfísica da expressividade dos gestos enquanto a matriz por meio da qual experienciamos a nós mesmos e os outros. Apontamos que se trata de uma escala micro no sentido intensivo, operando conexões no plano de forças e afetos e produzindo efeitos nos processos de subjetivação.

Procuramos argumentar que micromovimentos expressivos, que ocorrem em frações de segundos, estão inscritos em uma dança cuja musicalidade nos remete ao fundo tônico-postural dos parceiros: um diálogo tônico com a força da gravidade e com as forças internas e externas aos corpos, ou seja, as forças no campo da relação a cada instante por meio da qual existimos com maior ou menor grau de conexão e reconhecimento mútuo. Discutimos, assim, a dimensão de comunicação, conversa, diálogo em um nível não-verbal, contínuo, ininterrupto e involuntário que acontece entre as pessoas, variando em contornos de vitalidade na composição da música contínua do estar vivo.

Procuramos abordar a relação mãe-bebê nos interrogando continuamente acerca da atenção, em uma perspectiva ecológica que nos levou a contemplar as danças das atenções entre mãe e bebê com suas variações, falhas e reparações. Recorremos em seguida ao campo da educação somática, procurando ressaltar o caráter involuntário, espontâneo e não consciente da atenção conjunta, a fim de apontar para as possibilidades e os efeitos de um cultivo da atenção a si que possa trazer à consciência perceptiva, isto é, à experiência de *awareness* acerca

das dinâmicas de ajustamento tônico-afetivo implicadas no fenômeno de sintonização afetiva. Convém esclarecer que, apesar do título do artigo trazer a ideia de que da pesquisa da relação mãe-bebê chegamos à educação somática, tratou-se do contrário: foram práticas de atenção no campo da educação somática no contexto da dança que nos levaram a tomar consciência dessa qualidade de sensibilidade rítmica compartilhada e, assim, nos remeteram às primeiras danças do cuidado na relação entre mães e bebês.

Assim, procuramos afirmar que ecossistemas atencionais produzidos por práticas de educação somática promovem o cultivo de uma atenção-escuta de si que favorece a implicação consciente dos indivíduos nas composições de sua experiência de estar com o outro e com o mundo. O testemunho e o reconhecimento de sinais corporais, que estão sempre acontecendo, de mudanças dos afetos de vitalidade, tanto em sua experiência corporal quanto no corpo do(s) outro(s), nos parece fundamental para o desenvolvimento de um conhecimento consciente, corporificado e cuidadoso de si em relação. Esse conhecimento pode revelar padrões rítmicos, tônico-afetivos, até então implícitos, constitutivos da experiência relacional. Tais padrões, por sua vez, testemunhados em suas nuances, podem ser gradualmente transformados. Na dinâmica da sintonização afetiva, reside a capacidade de conexão e transformação das relações, de nós mesmos e do mundo.

Reconhecemos, assim, a importância de cuidarmos das dinâmicas de nossas atenções entrecruzadas como via de implicação consciente no fenômeno de regulação mútua e sintonização afetiva que participam da gênese dos processos de subjetivação. Por fim, afirmamos que tal fenômeno manifesta, na experiência corporificada, nossa condição de seres interdependentes e, assim, se configura como uma micropolítica atencional de cuidado relacional. Em resumo, o cultivo da atenção voltada para uma leitura etológica e microanalítica de nossos corpos, sob uma ética de cuidado relacional, tem efeitos, a um só tempo, individuais e coletivos.

Referências

- Ajuriaguerra, J. (2010). La peau comme première relation: Du toucher aux caresses. In F. Joly, & G. Labes, (Orgs), *Julian de Ajuriaguerra et la naissance de la psychomotricité: Volume 3*. Editions du Papyrus.
- Aquino, F. S. B., & Salomão, N. M. R. (2009). Contribuições da habilidade de atenção conjunta para a cognição social infantil. *Psicologia em Estudo*, 14(2), 233–241.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/9jjyHvZCPYh3WGPddmSxJRg/?lang=pt>
- Caliman, L., Cesar, J. M., & Kastrup, V. (2020). Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, 16(4), 166–195.
<http://dx.doi.org/10.5965/198431781642020166>
- Carijó, M. C. A., & Kastrup, V. (2014). Expressividade como qualidade dinâmica: Uma discussão sobre percepção na arte. *Revista Polis e Psique*, 4(3), 234–255.
<https://doi.org/10.22456/2238-152X.47057>
- Citton, Y. (2014). *Pour une Écologie de L'Attention*. Seuil.
- Damásio, A. (1999). *The feeling of what happens: Body and emotion in the making of consciousness*. Harcourt College Publishers.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia (vol. 1)*. Editora 34.
- Depraz, N. (2010). De l'“inter-attention” à l'attention inter-relationnelle: Le croisement de l'attention et de l'intersubjectivité à la lumière de l'attention conjointe. *Symposium: Canadian Journal of Continental Philosophy*, 14(1), 104–118.
<https://doi.org/10.5840/symposium20101416>
- Duboc, O. (2012). La conscience de l'instant. In F. Michel & J. Perrin (Eds.), *Les mots de la matière* (pp. 21–29). Les Solitaires Intempestifs.

- Gallese, V. (2009). Mirror neurons, embodied simulation, and the neural basis of social identification. *Psychoanalytic Dialogues*, 19(5), 519–536.
<https://doi.org/10.1080/10481880903231910>
- Gendlin, E. (1999). A new model. *Journal of Consciousness Studies*, 6(2-3), 232–237.
- Ginot, I. (2012). Écouter le toucher. *Chimères*, 78(3), 87–100.
- Godard, H. (2006). Olhar cego. [Entrevista com Hubert Godard, por Suely Rolnik]. In S. Rolnik (Org.), *Lygia Clark: Da obra ao acontecimento* (pp.73–80). Pinacoteca do Estado.
- Godard, H., & Bigé, R. (2019). Moving-moved. In E. Bigé (Ed.), *Steve Paxton: Drafting Interior Techniques* (pp. 89–104). Culturgest.
- Gratier, M., Filippa, M., & Apter, G. (2018). Le bébé chef d’orchestre: D’une attention à l’autre. In M. Dugnat (Ed.), *Bébé attentif cherche adulte(s) attentionné(s)* (pp. 49–58). Érès. <https://doi.org/10.3917/eres.dugna.2018.01.0049>
- Merlino, M.L.M. (2005). *O Rolfing como agente restaurador da comunicação entre corpo e ambiente - A conquista do chão*. [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica.
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/4870>
- Moore, C., & Dunham, P. J. (1995). *Joint attention: Its origins and role in development*. Psychology Press.
- Paxton, S., & Smith, N. S. (2016). *The politics of mutuality: A conversation with Steve Paxton at the kitchen table with Nancy Stark Smith*. Contact Quarterly.
<https://contactquarterly.com/cq/unbound/view/the-politics-of-mutuality>
- Resende, C., Caetano, P., & Torralba, R. (2018). Política do sensível: Práticas somáticas e corpo-campo-coletivo. *Vazantes*, 2(2), 114–128.

- Resende, C. (2013). *Escutar com o corpo: A experiência sensível entre dança, poesia e clínica*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense] Repositório institucional UFF. https://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2013_t_Catarina.pdf
- Ribeiro, R. (2016). *Sensorial do corpo: Via régia ao inconsciente*. Eduff.
- Romero, M. (2021). *Cartografias das danças entre nós: uma ecologia da atenção conjunta e da sintonização afetiva*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro] https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000937579&local_base=UFR01
- Roquet, C. (2019). *Vu du geste: Interpréter le mouvement dansé*. Centre national de la danse.
- Sade, C. (2009). *Atenção a si: Da auto-observação à auto-produção* [Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Repositório institucional UFRJ.
- Scaife, M. & Bruner, J. (1975). The capacity for joint visual attention in the infant. *Nature*, 253(5489), 265–266. <https://doi.org/10.1038/253265a0>
- Stern, D. (2003). *Le moment présent en psychothérapie: Un monde dans un grain de sable*. Odile Jacob.
- Stern, D. (2002). *The first relationship: Infant and mother*. Harvard University Press. (Original publicado em 1977).
- Stern, D. (1989). *Le monde interpersonnel du nourrisson: Une perspective psychanalytique et développementale*. PUF.
- Stern, D. (1997). *La constellation maternelle*. Calmann-Lévy.
- Stern, D. (1995). Les bébés et la musique: Réflexion sur les aspects temporels de l'expérience quotidienne du nourrisson. *Journal de la Psychanalyse de l'Enfant*, 28, 88–112.
- Stern, D. (1990). *Diário de um bebê*. Artes Médicas.
- Stern, D. (2000). New introduction to the paperback edition of *The Interpersonal World of the Infant*. In *The Interpersonal World of the Infant*. (pp. xi–xxxix). Basic Books.

-
- Toledo, S. (2009). Diálogo tônico: A silenciosa comunicação mãe-bebê. *Cadernos de Psicanálise*, 31(22), 193–205.
- Winnicott, D. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Imago. (Original publicado em 1958).
- Winnicott, D. (1998). A capacidade para estar-só. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31–37). Artes Médicas. (Original publicado em 1958).
- Winnicott, D. (1994). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.). *Explorações psicanalíticas* (pp. 195–202). Artes Médicas. (Original publicado em 1969).
- Winnicott, D. (1990). *Natureza humana*. Imago.
- Winnicott, D. (2006). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes. (Original publicado em 1988).